

## DISCURSOS SOBRE HIV/AIDS E RACIALIDADE NA PERFORMANCE CURA, DE MICAELA CYRINO

CAMILA SOARES COUTO<sup>1</sup>; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [camscouto02@gmail.com](mailto:camscouto02@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ricardohaa@gmail.com](mailto:ricardohaa@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa estabelecer relações mediante a temática HIV/aids e a performance enquanto linguagem artística no âmbito das artes visuais, por intermédio do projeto Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade na arte contemporânea, coordenado pelo Prof. Ricardo Henrique Ayres Alves. Atendo-se à análise do registro da performance *Cura* (2015) realizada em Quito, Equador, por Micaela Cyrino, serão analisados elementos e contextos que estreitam relação com discussões e inquietações acerca da enfermidade e questões de raça e gênero.

Deste modo, evidenciam-se os principais autores que irão nortear e embasar a presente pesquisa. Fornecendo um estudo cronológico, Roselee Goldberg (2006) mostra a consolidação da performance como expressão artística essencial nos movimentos vanguardistas do Ocidente. Já Regina Melim (2008) apresenta uma forma bastante ampla para se pensar e conceituar performance, que será contra-argumentada por Bianca Tinoco (2009) que, em sua dissertação de mestrado, além de abordar a invisibilização da performance frente a hegemonia imagem da geração 80 como unicamente pictórica, também nos propõe um modo mais concreto de conceituar o que é performance, que define sua especificidade pela presença física do corpo do artista que realiza a ação.

Por sua vez, Susan Sontag (2007) visa romper com imaginários munidos de metáforas em relação às enfermidades, que ao longo da história mostraram-se como antagonistas no que tange à busca por tratamento, fomentando estigmas que se perpetuaram ao longo do tempo, incluindo em suas reflexões a aids. Destaco ainda as reflexões de Rodrigo Severo dos Santos (2023), que apresenta em sua recente tese reflexões que aspiram romper com o pacto colonial por meio da análise de ações performativas de artistas negros em um contexto nacional e Ricardo Henrique Ayres Alves (2021, 2020) que, em suas pesquisas, estreita as relações entre a aids e a arte contemporânea através das produções dos artistas Keith Haring, Pepe Espaliú e Leonilson e que, em sua tese de doutorado, estabelece uma linha de conexão entre a temática da aids e as artes visuais no Brasil, investigando os discursos de invisibilidade que rodeiam essas duas temáticas.

### 2. METODOLOGIA

A partir do primeiro contato com o registro da performance *Cura* (2015), empreendeu-se uma busca por autores que embasaram as reflexões da pesquisa. Dessa forma, o encontro com os trabalhos de Goldberg (2006), Melim (2008), Tinoco (2009), Sontag (2007), Severo (2023) e Alves (2021, 2020), resultou na análise realizada pelo método proposto por Artur Freitas (2004) que

se debruça sobre três dimensões da obra de arte: a formal, a semântica e a social.

Importante destacar a contribuição do texto de Alexandre Sousa (2016) para pensar as narrativas pré e pós-coquetel em obras literárias e cinematográficas, fornecendo a possibilidade de reflexão sobre personagens vivendo com HIV e as discursividades concebidas após a descoberta do tratamento retroviral. Para melhor compreensão das singularidades presentes na vida de pessoas vivendo com HIV no período pré-coquetel, realizou-se a leitura da autoficção *Para o amigo que não me salvou a vida* (1995) de Hervé Guibert, na qual o escritor evidencia a sua própria trajetória desde a descoberta do diagnóstico da aids até a busca por tratamentos ineficazes e sua inevitável morte. Também foi analisado o documentário *Deus tem Aids* (2021) dos diretores Gustavo Vinagre e Fábio Leal, que fornece um contexto mais atual por intermédio das narrativas pós-coquetel de sete artistas e um médico sobre como é viver com HIV no Brasil, incluindo entre eles Micaela Cyrino.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por intermédio do registro audiovisual da performance *Cura* (2015) realizada na residência artística Positiva: El Cuerpo VIH no Equador, Micaela Cyrino propõe uma intersecção sobre sua vivência como mulher negra e soropositiva, abordando questões que uma sociedade patriarcal, racista e sorofóbica almeja invisibilizar. Logo no início de sua performance, ela surge com vestes brancas e se ajoelha em um tecido branco. Sobre ele, uma bacia branca com água e, ao lado, galhos de ervas. Ela coloca alguns dos galhos dentro da bacia (fazendo referência aos banhos de ervas utilizados em religiões de matriz africana como ritual de limpeza e iniciação), colorindo a água.

Outro elemento sobre o tecido é o batom vermelho. Com ele, Cyrino escreve em seu braço direito a sigla VIH (sigla para HIV em espanhol), com um pano branco embebido pela água da bacia, ela apaga a sigla inscrita em sua pele, manchando o pano com a coloração vermelha que nos remete ao sangue, elemento que ainda gera certo temor ao se pensar na transmissão do vírus, assim como também dialoga com a cor presente em campanhas sobre o HIV/aids, no qual o laço vermelho é um símbolo importante. No decorrer da performance, ela segue realizando tal escrita em diferentes partes do seu corpo, como em suas pernas, peito e sola dos pés, alterando a velocidade dos movimentos, que se tornam cada vez mais compulsivos e firmes, como se a artista estivesse buscando, de forma ritualizada, expurgar algo de si, limpar-se dos estigmas que cotidianamente a sociedade inscreve em seu corpo.

Em um segundo momento, é possível notar que Micaela interrompe o ato de escrever a sigla em sua pele, mas continua esfregando em seu corpo o pano branco embebido em água. Ela realiza tais movimentos de forma frenética, e sua busca parece ir além de apagar os estigmas relacionados ao HIV, representados pela sigla escrita em batom. É como se ela estivesse procurando obliterar o que não está escrito em uma ficha médica, o fato de viver com o HIV, mas também a condição racializada presente em sua pele.

Ao final, de modo enérgico, ela rasga suas vestes brancas e sai andando desnuda, abandonando os elementos presentes na ação performática,

simbolizando um rompimento com qualquer metáfora que assola a sua vida como pessoa vivendo com o HIV. Portanto, é possível compreender, ao analisar *Cura* (2015), que Cyrino nos evidencia a potência da performance não somente como um meio de expressão, mas como uma ferramenta de combate ao racismo e à sorofobia. Assim aponta Bianca Tinoco (2009, p. 23):

[...] a performance expõe o corpo não apenas em suas capacidades físicas, mas também por seus aspectos sociais e individuais, em diálogo não só com o público, mas com o espaço ao seu redor e com outros elementos presentes. Na performance, o artista realiza a ação em relação direta com o outro e lança mão de materiais e séries de movimentos para criar efeito de sobressalto ou estranhamento.

É por meio da ausência da cura para a aids que a artista busca se curar dos preconceitos que lhe atravessam, ritualizando tal processo ao evocar suas dores e as tornando evidentes para si e para o espectador. No longa-metragem *Deus Tem Aids* (2021), dirigido por Fábio Leal e Gustavo Vinagre, Cyrino relata que o racismo está muito mais presente de forma agressiva em sua vida do que o vírus, pois ao andar na rua todos a enxergam como uma mulher negra, mas não sabem que ela vive com o HIV. Assim, compreendemos em sua performance que ela torna visível o que é invisível, mas que não importa o quanto ela esfregue sua pele com o pano embebido em água, os vestígios do racismo e da sorofobia ainda permanecem marcados em seu corpo.

Como seu contato com o HIV se deu por transmissão vertical, ou seja, aquela que ocorre da mãe para sua prole, a artista torna seu corpo uma ferramenta potente para o debate em relação à vulnerabilidade da população negra no Brasil diante da epidemia do HIV/aids. No segundo volume do Boletim Epidemiológico da Saúde da População Negra, publicado pela Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde (SVSA/MS) em 2023, aponta-se que 67,7% das gestantes diagnosticadas com HIV são negras. Desse modo, o ato performático da artista levanta debates sobre o racismo estrutural presente em nosso país, que decide quais corpos serão excluídos e largados à margem da sociedade, desprovidos de acesso à informação e saúde de qualidade.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao concluir a presente pesquisa, é possível apontar a relevância da obra *Cura* (2015), para abordar a temática da enfermidade em um contexto pós-coquetel, evidenciando que, mesmo na contemporaneidade e com acesso ao tratamento antirretroviral, as noções estigmatizantes permanecem assolando o imaginário da sociedade, fomentando preconceitos aos portadores da moléstia. O trabalho também contribuiu para o debate do racismo vigente no Brasil que permeia as discussões sobre o HIV/aids em um âmbito nacional. A performance de Cyrino não tratou apenas de fomentar discussões sobre as metáforas que adoecem o seu corpo, mas de tornar evidente que a verdadeira moléstia se encontra no cerne da nossa sociedade ao invisibilizar e marginalizar corpos assolados pela enfermidade, aqui representados no recorte de gênero e raça no qual a artista se inscreve.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. H. A. **Artes Visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades**. 2020. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 446. 2020.

ALVES, R. H. A. **Miasmas e metáforas da aids nas Artes Visuais**. Rio Grande: Editora da FURG, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim Epidemiológico da Saúde da População Negra**. Brasília/DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-saude-da-populacao-negra-numero-especial-vol-2-out.2023>  
Acesso em: 29 set. 2024.

DEUS TEM AIDS. Direção: Gustavo Leal e Fábio Vinagre. Produção: Dora Amorim, Julia Machado e Thaís Vidal. Roteiro: Fábio Leal, Gustavo Vinagre e Tainá Muhringer. São Paulo: Vitrine Filmes, 2021.

FREITAS, A. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.34, p. 3 - 21, 2004.

GOLDBERG, R. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUIBERT. H. **Para o amigo que não me salvou a vida**. São Paulo: José Olympio, 1995.

MELIM, R. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SEVERO. R. **A performance negra no Brasil: estéticas decolonizadas na cena contemporânea**. 2023. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 601. 2023.

SONTAG, S. **Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Alexandre Nunes de. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: Notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL, 2., Rio de Janeiro, 2016. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, n.p. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

TINOCO, B. **Performance e geração 80: resgates**. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, p. 294. 2009.